



Ativos

# SUINOCULTURA

twitter.com/SistemaCNA  
facebook.com/SistemaCNA  
instagram.com/SistemaCNA

www.cnabrasil.org.br  
www.canaldoprodutor.tv.br

Ano 3 - 6ª Edição - Agosto de 2017



## Suinocultura independente tem desempenho positivo em 2017

Por Marcos Iguma e Renato Prodoximo

O projeto Campo Futuro, uma iniciativa da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e em convênio com o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, iniciou o levantamento de custos de produção da suinocultura independente do País neste ano e já verificou bons resultados para as duas primeiras regiões visitadas. Na granja de Sorriso, em Mato Grosso, na de Ponte Nova, em Minas Gerais, a atividade é capaz de cobrir os Custos Totais.

Na região de Mato Grosso, o perfil encontrado foi de um suinocultor típico com 1.200 matrizes em produção, gerando cerca de 30.367 suínos de 154 dias, com peso médio de 110 quilos cada animal. Já em Minas Gerais, o suinocultor típico da região possui 800 matrizes em produção, produzindo por volta de 22.647 suínos de 170 dias por ano, pesando 115 quilos cada, em média.

Dado que o projeto visa o levantamento dos custos de produção da atividade, a metodologia de levantamento de painel, ou grupo focal, reuniu profissionais do setor, como produtores, técnicos agrícolas, veterinários, representantes comerciais de insumos e pesquisadores, assim como é realizado com os produtores integrados desde 2014 pela CNA, também em parceria com o Cepea.

Considerando-se as regiões de Ponte Nova (MG) e Sorriso (MT), muito representativas na suinocultura independente do País, o Projeto, ao levantar a "saúde" da suinocultura no longo prazo, verifica que em ambas as regiões a receita proveniente da venda dos animais é suficiente para cobrir os custos. No entanto, apesar de as granjas disporem de custos e receitas próximas em valor, algumas peculiaridades no perfil do plantel, estrutura de custos e gestão das propriedades alcançam resultados diferentes em relação às margens de lucratividade (diferenças entre receita e custos).

Quando analisado o Custo Operacional Efetivo (COE) das granjas, que representa os dispêndios correntes do produtor, a granja típica do Mato Grosso tem um custo 5,75% maior que a de Minas Gerais, o que representa uma diferença de R\$ 523.645,08 ao ano.

O gasto bruto com ração é 22,67% maior em Mato Grosso (uma diferença de R\$ 1.319.764,15/ano), mesmo com preços melhores dos grãos na região Centro-Oeste, pois nesta propriedade são alimentados mais animais. No entanto, a granja desta região é mais eficiente no uso do insumo, gastando R\$ 21,90 menos por suíno terminado, já que o período de crescimento e terminação nesta granja é de 154 dias, 16 a menos que em Minas Gerais, o que favorece a eco-

nomia com ração. Essa diferença no ciclo é uma escolha do produtor na gestão da granja, que gera animais mais leves, de 110 kg em Sorriso (MT) e 115 kg em Ponte Nova (MG).

Em Ponte Nova (MG), o gasto com compra de animais também suaviza os custos, pois nesta região existe a manutenção de fêmeas chamadas de "avós" ou "geração P1", que geram as próprias matrizes. Neste sistema, as fêmeas são inseminadas dentro da granja para formação dos animais "F1", ou matrizes, que são 100% inseminadas para produção dos leitões "F2". Em Sorriso (MT), o cenário é outro: suinocultores compram as matrizes (F1) no mercado, utilizando inseminação e cachacos para a produção dos leitões (F2). A compra de matrizes em Mato Grosso é um custo elevado para a atividade, que alcança R\$ 455.400,00/ano, enquanto em Minas Gerais a compra de "avós" custa apenas R\$ 112.000,00/ano.

O custo com energia elétrica também favorece a granja mineira, que gasta 50,28% menos no ano na comparação com a granja mato-grossense, já que a fazenda de Ponte Nova (MG) tem sistema de biodigestão. Produz biogás a partir dos dejetos gerados na granja e pode ser transformado em fonte de energia para as fornalhas e para os geradores, justificando o investimento com estes equipamentos.

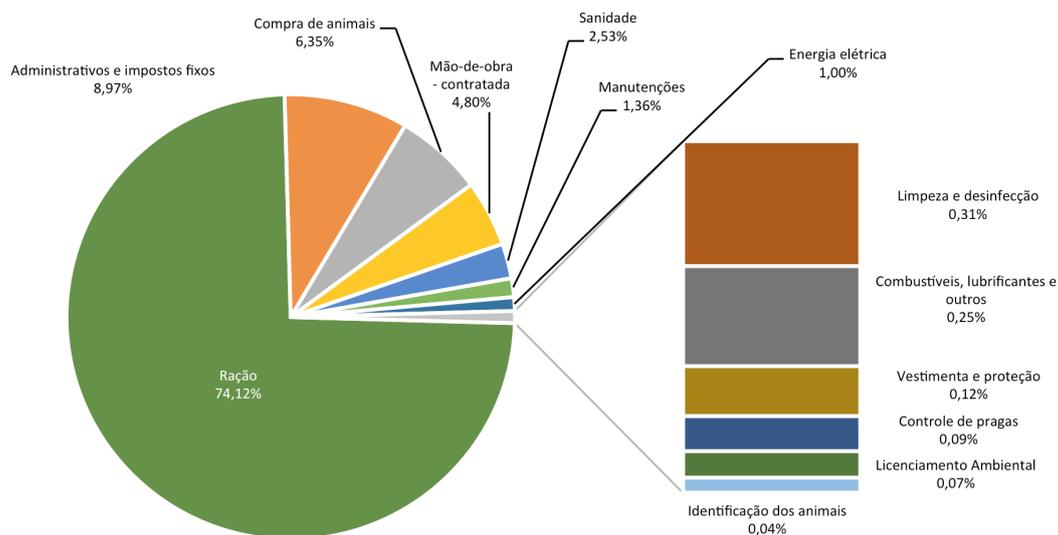
<sup>1</sup> Custo Total (CT): Abrange desde os gastos correntes do produtor, como energia elétrica, mão de obra, manutenções, medicamentos, ração, materiais de inseminação, limpeza e desinfecção, entre outros, até custos com depreciações, pró-labore, remuneração do capital e custo de oportunidade da terra.

Por outro lado, a suinocultura independente de Sorriso (MT) tem melhor desempenho em relação à produtividade da mão de obra, visto que os 13 funcionários são responsáveis pelo manejo dos animais, correspondendo a 92,3 matrizes/funcionário. Na granja de Ponte Nova (MG), são necessários 35 funcionários (22,9 matrizes/funcionário). Essa

diferença de R\$ 708.808,32 com mão de obra no ano faz a granja de Mato Grosso mais eficiente neste aspecto, garantindo boa margem com esse item de custo.

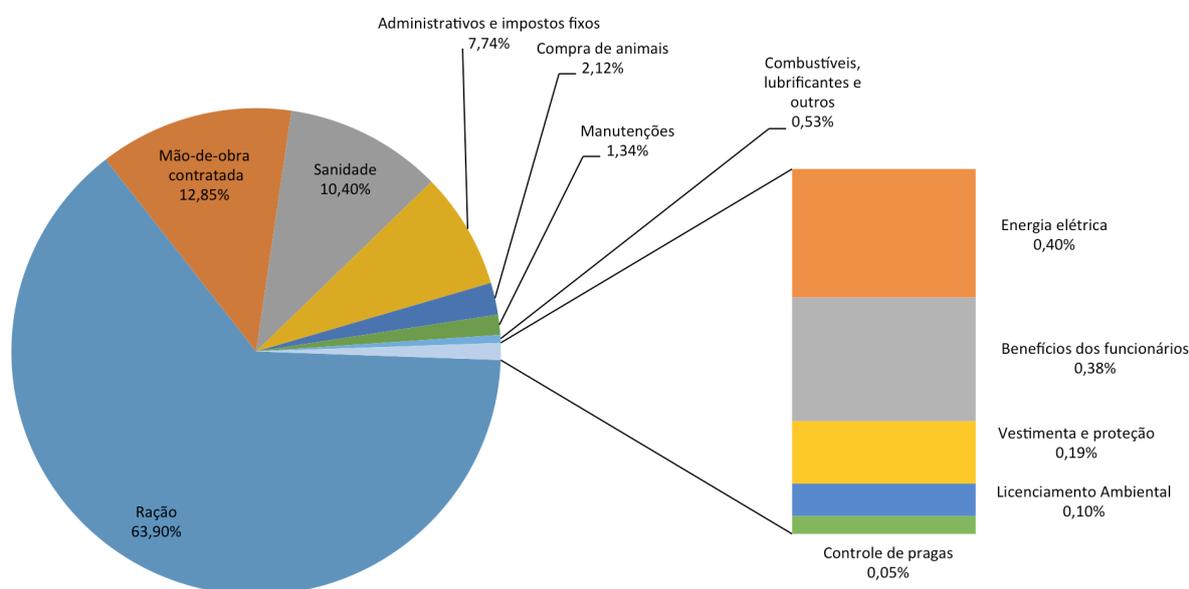
Nos gastos administrativos, existem também algumas diferenças: a Guia de Trânsito Animal (GTA) mais cara em Mato Grosso encarece a produção.

Cada animal transportado custa R\$1,00 para o produtor, enquanto em Minas Gerais custa R\$0,30. A parcela paga pelo financiamento adquirido na região mato-grossense é de R\$200.000,00/ano e corresponde ao dobro da mineira. Em Ponte Nova (MG) existe um gasto elevado com frete terceirizado, que alcança R\$226.470,23 ao ano para o suinocultor.



**Gráfico 1:** Composição do COE de Sorriso (MT)

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP  
Elaborado por Cepea-Esalq/USP



**Gráfico 2:** Composição do COE de Ponte Nova (MG)

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP.  
Elaborado por Cepea-Esalq/USP.

Em relação à receita obtida com a venda dos animais terminados, o preço recebido pelo suinocultor é maior em Ponte Nova (MG), R\$ 4,00/kg. Enquanto em Sorriso (MT) o qui-

lo do suíno remunera o produtor em R\$ 3,10. A diferença de R\$ 0,90 por quilo é representativa quando considerada a escala de produção: a granja mineira, mesmo com menos ma-

trizes em produção (800 animais) e gerando menos animais terminados (22.647 suínos/ano), alcança uma receita anual próxima à de Sorriso (MT). Na região mineira a receita

anual proveniente da venda dos animais terminados, machos e matrizes de descarte, totaliza R\$ 10.657.630,65. Muito próxima à de Sorriso (1.200 matrizes e 30.367 animais terminados), que totaliza R\$ 10.660.139,42/ano.

Com um COE 5,75% maior em Mato Grosso, baseado basicamente no maior número de animais (mais gastos com ração, manutenções das instalações, consumo de energia, entre outros), e receita praticamente igual à de Minas Gerais, a Margem Bruta da granja de Sorriso fica 33,7% menor que a de Ponte Nova

(MG). O mesmo efeito pode ser verificado na Margem Líquida (40,38% menor) e Lucro (66,38% menor), visto que o COT da granja mato-grossense é 5,5% maior e o CT é 5,61% maior. O fato de os três níveis de custos (COE, COT e CT, em ordem crescente) serem cumulativos, leva as diferenças de gastos operacionais até o Lucro, aumentando a diferença entre os custos das regiões pesquisadas no longo prazo.

Neste sentido, a escala do plantel representa um dos principais motivos para maior diluição das margens auferidas

em Sorriso. Mesmo com receita e custos com valores próximos em ambas as regiões em um ano, as margens são menores na região mato-grossense, devido ao maior número de animais vendidos no ano. Desta forma, uma diferença de 1 leitão nascido vivo por parto a mais em Sorriso (MT) iria se igualar ao desempenho obtido em ponte Nova (MG), de 12 animais. Essa realidade de escala faria da granja típica mato-grossense muito mais lucrativa, dobrando a Margem Líquida do suinocultor, que chegaria a R\$18,13 por suíno terminado ou R\$ 596.501,30 ao ano.

**Tabela 1: Resultados econômicos dos painéis de suinocultura independente de Sorriso (MT) e Ponte Nova (MG) em 2017**

	Sorriso/MT (30.367cbç/ano)		Ponte Nova/MG (22.647cbç/ano)		Diferença	
	R\$/ano	R\$/cbç	R\$/ano	R\$/cbç	MT/MG em % no ano	MT/MG em R\$ no ano
Receita Total	R\$ 10.660.139,42	R\$ 351,04	R\$ 10.657.630,65	R\$ 470,60	0,02%	R\$ 2.508,77
COE	R\$ 9.634.740,24	R\$ 317,27	R\$ 9.111.095,16	R\$ 402,31	5,75%	R\$ 523.645,08
COT	R\$ 9.901.611,37	R\$ 326,06	R\$ 9.385.421,46	R\$ 414,42	5,50%	R\$ 516.189,91
CT	R\$ 10.381.868,48	R\$ 341,88	R\$ 9.830.008,65	R\$ 434,05	5,61%	R\$ 551.859,82
Margem Bruta (MB=RT-COE)	R\$ 1.025.399,18	R\$ 33,77	R\$ 1.546.535,49	R\$ 68,29	-33,70%	-R\$ 521.136,31
Margem Líquida (ML=RT-COT)	R\$ 758.528,05	R\$ 24,98	R\$ 1.272.209,18	R\$ 56,18	-40,38%	-R\$ 513.681,14
Lucro (L=RT-CT)	R\$ 278.270,94	R\$ 9,16	R\$ 827.622,00	R\$ 36,54	-66,38%	-R\$ 549.351,06

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP. Elaborado por Cepea-Esalq/USP.

**Tabela 2: Preços pagos ao suinocultor de Sorriso/MT e Ponte Nova/MG.**

	Sorriso/MT	Ponte Nova/MG
<b>SUÍNO TERMINADO</b>		
Nº animais/ano	30367,32	22647,02
Peso de abate (kg)	110,00	115,00
Preço (R\$/kg)	R\$ 3,10	R\$ 4,00
<b>CACHAÇO (DESCARTE)</b>		
Nº animais/ano	10,00	-
Peso de abate (kg)	250,00	-
Preço (R\$/kg)	R\$ 2,17	-
<b>MATRIZ (DESCARTE)</b>		
Nº animais/ano	600,00	400,00
Peso de abate (kg)	230,00	250,00
Preço (R\$/kg)	R\$ 2,17	R\$ 2,40
<b>RECEITA</b>		
Anual (R\$/ano)	R\$10.660.139,42	R\$ 10.657.630,65
Por animal (R\$/cbç)	R\$ 351,04	R\$ 470,60

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP. Elaborado por Cepea-Esalq/USP.

Tabela 3: Indicadores técnicos e econômicos para Sorriso (MT) e Ponte Nova (MG) em 2017

	Ponte Nova (MG)	Sorriso (MT)	Diferença
Lucro (R\$/Terminado)	R\$ 460,00	R\$ 341,00	R\$ 119,00
Matrizes (nº cabeças)	800	1.200	400
Custo da Ração (R\$/terminado)	R\$ 257,07	R\$ 235,17	R\$ 21,90
Idade de abate (dias)	170,0	154,0	16
Mão de Obra (nº funcionários)	35	13	22
Matriz/funcionário	22,9	92,3	69
Biodigestor	Sim	Não	-
Energia Elétrica (R\$/terminado)	R\$ 1,59	R\$ 3,16	R\$ 1,57
Aquisição animais (R\$/ano)	Avós (R\$ 112.000,00)	Matrizes (R\$ 455.400,00)	R\$ 380.400,00
Receita (R\$/kg terminado)	R\$ 4,00	R\$ 3,20	R\$ 0,80
Leitões nasc. Vivos/parto	13,0	12,0	1

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP. Elaborado por Cepea-Esalq/USP.

De maneira geral, pode-se dizer que ambas as regiões são bastante eficientes, cada uma com suas peculiaridades e modelos de produção e gestão,

pois garantem o pagamento dos Custos Totais (CT) e ainda têm margem para investimentos em genética, melhoramento das condições do traba-

lho e reinvestimento na atividade. A Atividade se mostra atrativa no longo prazo.

## Custo com ração recua 22% em GO e RS em um ano

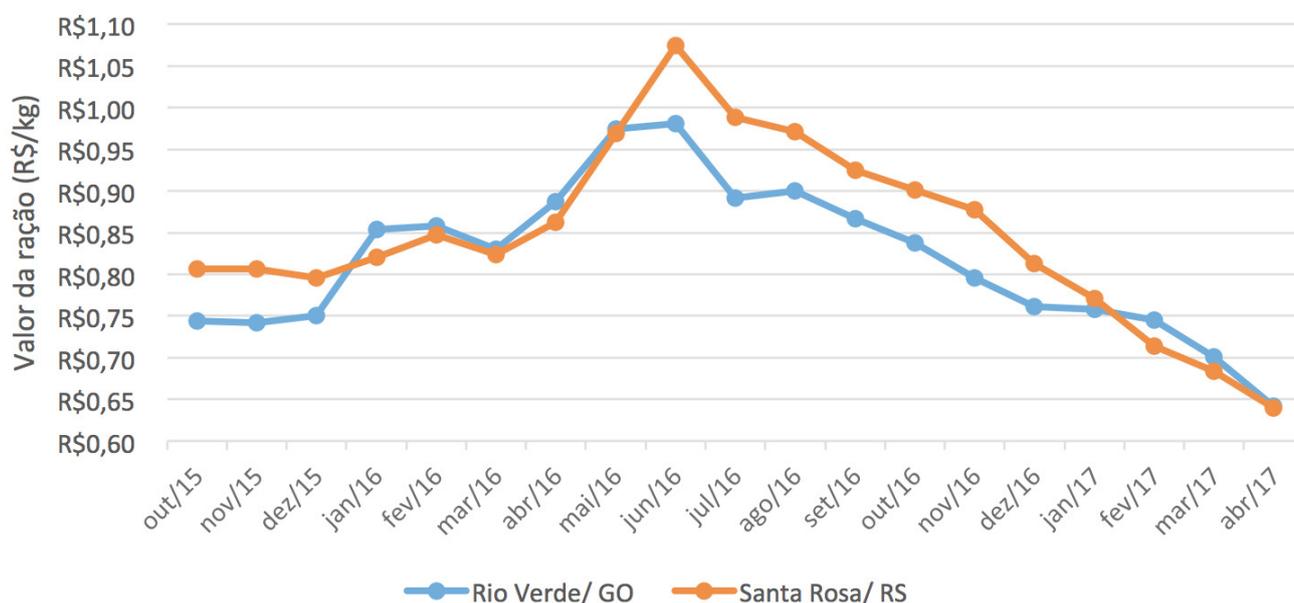
Por Marcos Iguma e Renato Prodoximo

Os custos com a compra de ração para o suinocultor típico diminuíram 22,78% em Rio Verde (GO) e 22,33% em Santa Rosa (RS) no acumulado dos últimos 12 meses (abr/16 a

abr/17). Os preços dos insumos para a produção de leitões de creche na região goiana (21,8 kg em 64 dias) e de leitões desmamados na gaúcha (7,50 kg em 28 dias) vêm recuando

desde julho de 2016, resultado das quedas nas cotações de milho e de farelo de soja, principais insumos para a produção da ração.

Gráfico 1: Variação do custo com ração em GO e RS.



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP. Elaborado por Cepea-Esalq/USP.

No acumulado dos últimos 12 meses, os preços do milho no mercado disponível recuaram 28,71% em Rio Verde - GO e 38,23% em Santa Rosa - RS (Cepea/Esalq-USP). Em 2017, a expectativa de safra 2016/17 recorde e a forte redução nas exportações nos primeiros meses do ano têm pressionado os preços. Abril se encerrou com o preço mensal do cereal no menor patamar desde setembro de 2014, em termos reais (IGP-DI de mar/17), considerando-se o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (Campinas - SP). As exportações, intimidadas pelos baixos preços do produto no mercado externo, foram restritas até abril/17, porém, o consumo doméstico ainda consegue absorver a oferta do cereal.

Os preços da soja também foram pressionados pelo incremento de área plantada e produção na safra 2016/17, prometendo recordes para o volume de grãos no Brasil e Estados Unidos (maiores produtores e exportadores mundiais), mesmo com as compras internacionais

seguindo firmas no início de 2017, principalmente por parte da China. No primeiro trimestre, foram embarcados mais de 13,4 milhões de toneladas de soja, aumento de 24% em relação ao mesmo período de 2016 (10,8 milhões de toneladas) e volume recorde para o intervalo, segundo dados da Secex.

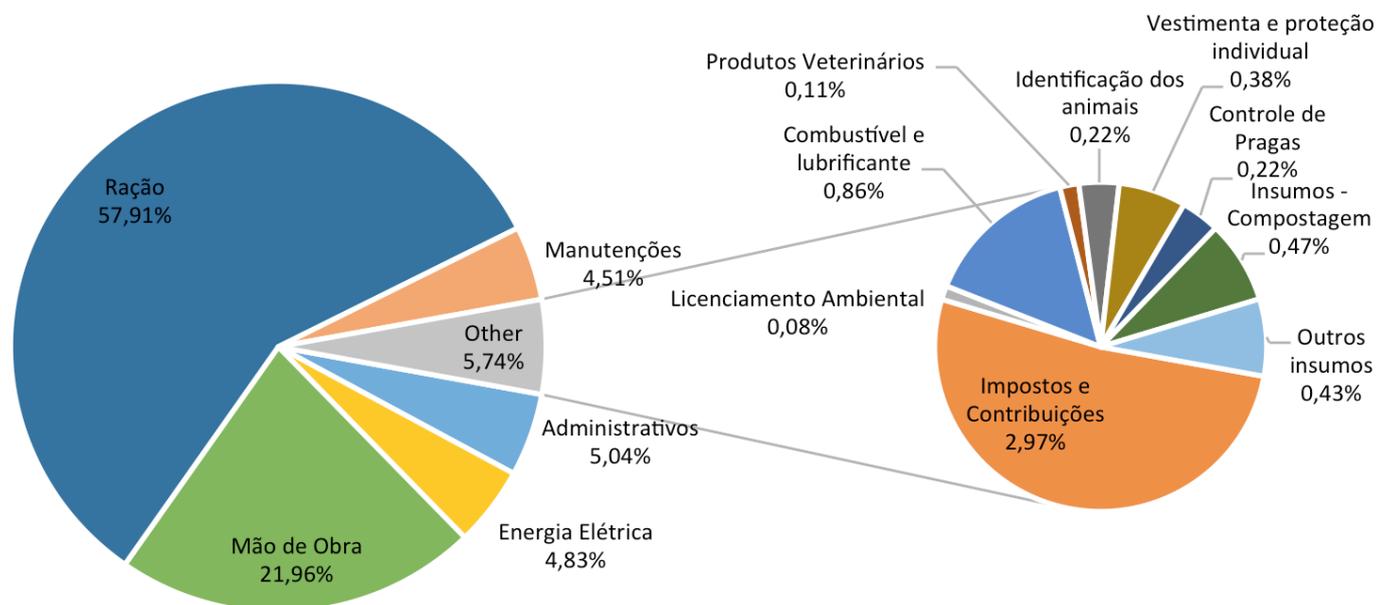
No acumulado dos últimos 12 meses o preço do farelo recuou 9,80% na região goiana e 4,14% na região gaúcha (dados do Cepea/Esalq-USP), mas embora o volume exportado tenha recuado em um ano, o preço recebido pelas vendas subiu 11,7% no comparativo mensal e 0,8% no anual, para R\$ 1.171,76/tonelada em março, conforme a Secex. Em abril, a maior procura por parte das indústrias dos segmentos de produção de ração animal trouxe maior liquidez ao mercado do derivado, segundo dados do Cepea/Esalq-USP.

Para o suinocultor dessas regiões, o reflexo da queda do preço da ração é imediato nos custos de produção, já

que o insumo representou, em média, 65,74% do COE de Rio Verde - GO e 62,59% do COE de Santa Rosa - RS em 2016. O impacto nos custos foi perceptível com a redução de 16,89% e 15,35%, respectivamente, no COE acumulado desde abril/16.

**RECUPERAÇÃO** – Esta queda dos custos de produção deu mais fôlego ao produtor destas regiões, que se recuperaram de um período de elevação de custos que já vinha desde meados de 2015, se estendendo até o primeiro semestre de 2016 de maneira desfavorável, em função das cotações elevadas dos grãos e insumos importados, como premix e alguns medicamentos. O momento é oportuno a esses suinocultores, visto que o início de ano costuma ser mais dispendioso com os reajustes anuais de mão de obra e energia elétrica, conforme a distribuição do COE a seguir.

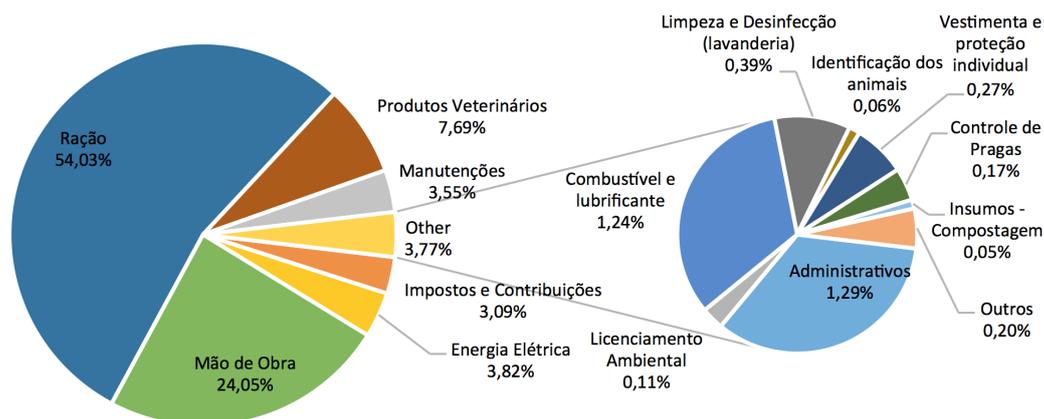
Gráfico 2: Composição do COE de Rio Verde (GO) em abril/17.



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP. Elaborado por Cepea-Esalq/USP.

<sup>2</sup> COE (Custo Operacional Efetivo): Representa os desembolsos correntes do produtor, como custos com mão de obra, manutenções, energia elétrica, ração, gastos administrativos e compra de outros insumos.

Gráfico 3: Composição do COE de Santa Rosa (RS) em abril/17.



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP. Elaborado por Cepea-Esalq/USP.

## Em um ano, COE da suinocultura integrada sobe em todas as regiões

Por Marcos Iguma e Renato Prodoximo

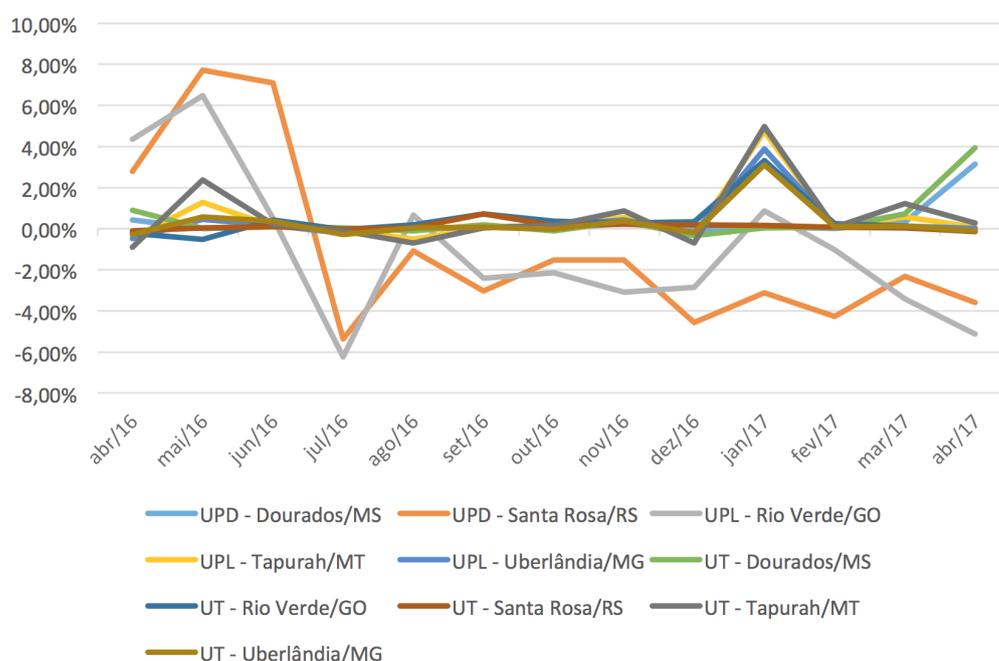
Dentre as propriedades típicas da suinocultura 100% integrada acompanhadas pelo Projeto Campo Futuro CNA desde 2014, as produtoras de leitões (creche e desmama) registraram aumento médio de 5,8% no COE entre abril/16

e abril/17 e as de terminação, de 5,97%.

Neste período, a propriedade típica de UPL (Unidade de Produção de Leitões) de Tapurah (MT) apresentou alta de 6,85% no COE, a de Uberlândia (MG),

de 5,05%, e a de Dourados (MS), de 4%. Nas propriedades de terminação (UT), na mesma comparação, o aumento chegou a 8,94% em Tapurah, 5,01% em Dourados (MS), 5,41% em Rio Verde (GO), 4,20% em Uberlândia (MG) e 1,59% em Santa Rosa (RS).

Gráfico 1: Variação mensal do COE nos últimos 12 meses (abr/16 a abr-17)



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea-Esalq/USP. Elaborado por Cepea-Esalq/USP.

<sup>3</sup> As granjas 100% integradas correspondem àquelas, cujos custos de aquisição de animais, ração, assistência técnica e medicamentos são de responsabilidade da agroindústria.

<sup>4</sup> Iniciativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, em parceria com o Cepea-Esalq/USP no acompanhamento dos custos de produção da suinocultura por meio da metodologia de Painel (grupo focal).

Vale ressaltar que as propriedades típicas de UPL de Rio Verde (GO) e de UPD de Santa Rosa (RS), também acompanhadas pelo projeto, não correspondem ao mesmo modelo de contrato de integração, visto que os custos de produção da ração são de responsabilidade do produtor, alterando, assim, a composição do caixa. Para tais regiões, o COE reduziu significativamente, chegando a 16,89% de queda na praça goiana e a 15,37% na gaúcha entre abril/16 e abril/17. A redução no custo foi reflexo da queda nos preços dos insumos para produção de ração (milho e farelo de soja), adquiridos pelos suinocultores localmente.

De maneira geral, o aumento nos custos, apesar de generalizado, ocorreu de maneira modesta para os suinocultores integrados,

mantendo a margem da atividade praticamente constante na maioria das regiões, com exceção das propriedades do RS e de GO, que produzem leitões.

Dentre os itens que compõem o COE, no período analisado, a energia elétrica foi o de maior aumento, chegando a 21,41% na UPL de MT, em 10,34% na de MS, em 7% na de MG e em 3,81% na de GO. Em segundo lugar dentre os insumos que registraram os aumentos mais intensos está a mão de obra. Neste caso, pesou ainda mais no bolso do produtor de leitões, que tem mais funcionários para manejar os animais e a produção.

Os combustíveis também ficaram mais caros no Brasil no último ano, preocupando produtores de maior porte, que arcam com

despesas de trator, geradores de energia e deslocamento de funcionários. A UT de Santa Rosa (RS) teve o maior aumento deste item, de 10,75% de abril/16 a abril/17, enquanto nas outras regiões a alta não passou da casa dos 5%.

O suinocultor integrado arca com uma parcela inferior a 10% do custo para se produzir 1 kg de leitão ou suíno terminado na maioria das regiões. Os 90% restantes são de responsabilidade da agroindústria. Com esse modelo de contrato, para as regiões analisadas, o suinocultor integrado ainda passa dificuldades no longo prazo, dependendo de financiamentos para cobrir parte do custeio e reinvestimentos, mas começa 2017 mais otimista em relação aos custos para o restante deste ano.

## Vacinas representam mais de 60% dos custos com medicamentos para o suinocultor típico de MT

*Por Marcos Iguma e Renato Prodoximo*

O produtor independente típico da região de Sorriso (MT), com rebanho de 1.200 matrizes produtivas em ciclo completo, tem um dispêndio com as vacinas de R\$ 139.737,04/ano, o que representa 62,4% do gasto total com medicamentos (de R\$ 224.018,25/ano). As vacinas refletem, portanto, 1,46% do COE da suinocultura.

Em Sorriso, o programa básico de vacinação levantado pelo projeto Campo Futuro, parceria entre o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia

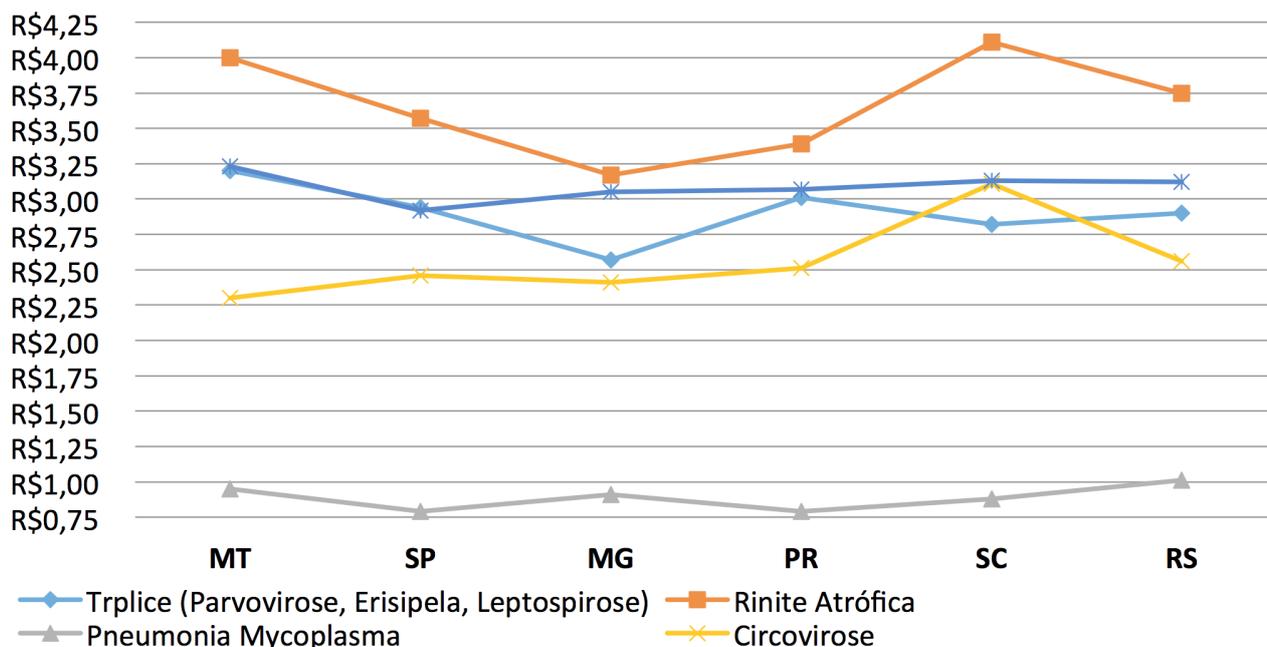
Aplicada), da Esalq/USP, e a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), compreende as doenças de circovirose, pneumonia enzoótica, colibacilose, rinite atrófica e a "tríplice" (composição das vacinas contra parvovirose, erisipela e leptospirose).

Considerando-se os preços das vacinas em outros estados pesquisados pelo Cepea (Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e São Paulo), o suinocultor típico de Sorriso tem maior vantagem competitiva frente aos produtores catarinenses e sul-rio-grandenses que também

arcam com esse item no mercado independente. O custo com vacinas em MT é 14,2% menor que o de Santa Catarina e 5,7% inferior ao do Rio Grande do Sul. Já em relação aos mercados paulista e paranaense, os custos com as mesmas vacinas em Sorriso são 2,2% e 1%, respectivamente, superiores. Os estados do Sudeste acabam tendo preços ligeiramente mais baixos deste item de custos, devido à maior proximidade dos principais laboratórios.

<sup>5</sup> COE (Custo Operacional Efetivo): representa os desembolsos correntes do produtor, como custos com mão de obra, manutenções, energia elétrica, ração, gastos administrativos e compra de outros insumos.

Gráfico 1: Preço médio por dose das vacinas em MT, SP, MG, PR, SC e RS em 2016/17



Fonte: Cepea-Esalq/USP (2017).

**SANIDADE** – A vacinação preventiva contra doenças infecciosas de suínos é a forma mais econômica para garantir a saúde dos animais do plantel, visto que os custos do tratamento são muito maiores que os da prevenção.

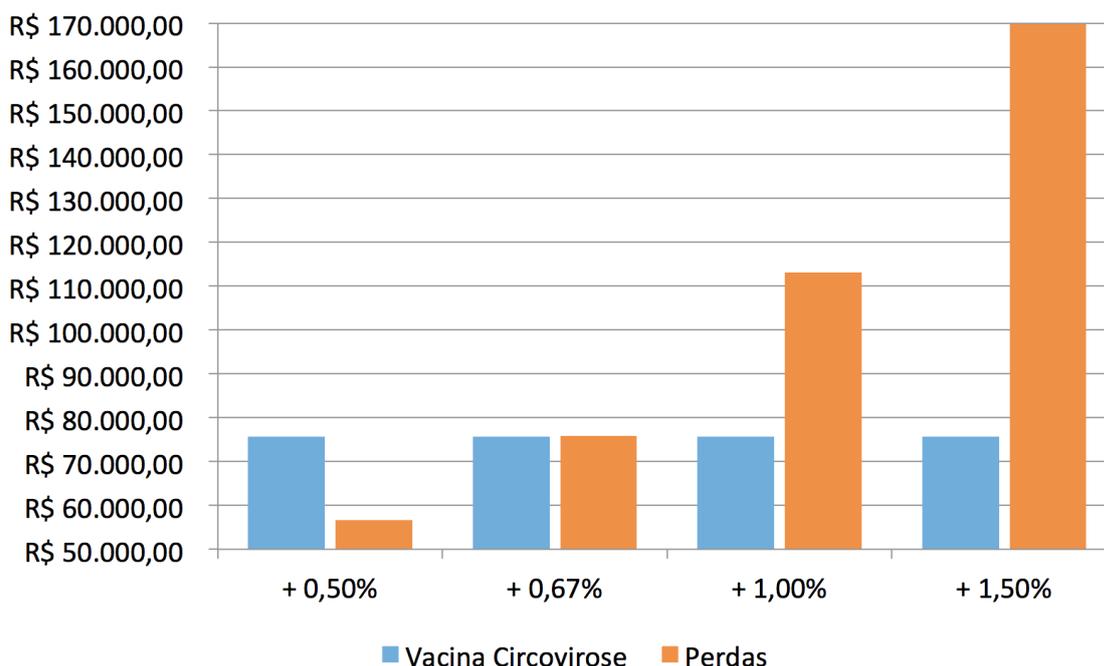
Estudos da Universidade de São Paulo (USP) em granjas suínícolas da

Alemanha e da França apontam que a vacinação de marrãs e porcas contra a circovirose reduz a taxa de mortalidade entre a fase de desmame e terminação em 50% dos casos.

Em simulação realizada na propriedade típica de Sorriso, cujo dispêndio com a vacina de circovirose é de R\$ 75.684,24/

ano, é possível inferir que um aumento de 0,67% da mortalidade dos leitões na fase de maternidade acarretaria em prejuízo de R\$ 141,12/ano no caixa da granja, conforme indicado no Gráfico 2.

Gráfico 2: Relação de custo-benefício da aplicação de vacinação contra Circovirose em Sorriso (MT)



Fonte: Cepea-Esalq/USP (2017).

Essa perda financeira resultante da ausência de vacinação, por sua vez, já seria 0,19% superior ao próprio custo com aquisição das vacinas. Em outro cenário, com a mortalidade por conta da Circovirose passando para 1%, o suinocultor deixaria de vender 332 suínos terminados, somando prejuízo até 49,53% superior ao gasto que teria com a vacinação.

Além da segurança que as vacinas proporcionam ao rebanho, as boas práticas também refletem nos índices de desempenho econômico da suinocultura, com a melhora da qualidade da carcaça, redução de condenações, maior ganho de peso, redução no uso de antibióticos ou tratamentos terapêuticos e aumento da média de leitões nascidos vivos por porca.

Existe no mercado uma grande quantidade de vacinas e laboratórios, portanto, cabe ao produtor analisar os riscos para tomar a decisão de quais produtos utilizar, visto que o manejo desses medicamentos reflete diretamente no bolso do suinocultor no curto, médio e longo prazos. 🌿